

Laicato maduro ***aprofundando as Fontes Franciscanas.***

Na linguagem franciscana, como a encontramos nas Fontes, o laicato tem dois significados diferentes: o primeiro é, quando fala dos frades que não eram “clérigos”, eram chamados “frades leigos” e não sacerdotes, ou seja, os frades do *laicato* e não *clericato*. Na linguagem de hoje, é o *Frade Irmão não sacerdote*. E o segundo significado é, quando usa o termo falando dos Irmãos e Irmãs que vivem no mundo, no século, mas seguindo os passos do Pai Francisco, ou seja, os irmãos da Ordem da Penitência: são os que nós chamamos hoje “os irmãos e irmãs da Ordem Franciscana Secular”.

Nós, Jufristas, jovens em caminho para a maturidade franciscana, para assumir um compromisso maior, dentro da Família Franciscana, vamos ver quais os princípios e atitudes que Francisco sonhou, viveu e deixou como herança para vivermos o nosso laicato no século, tornando-nos assim fiéis filhos e filhas do nosso pai. E seguindo estes princípios franciscanos, a pessoa, o laicato maduro, vai dar cada vez mais credibilidade ao mundo que olhou para Francisco como homem do milênio, e confirmou que suas vias são vias seguras para amar a todos e abraçar a todos, na sua beleza originária. Então, quando falamos sobre o “**laicato franciscano**”, entendemos daquelas atitudes e princípios que devemos adquirir aos poucos na nossa vida cotidiana, como leigos franciscanos, a fim de fermentarmos ao nosso redor o jeito franciscano e sermos “alegres e convenientemente graciosos”¹.

1. O leigo franciscano chega à maturidade quando, antes de tudo, sabe reconhecer que o outro é seu ‘irmão’ e por isso digno de respeito, independente se ele for bom, ruim, agradável ou insuportável.

Podemos ver tal virtude em Francisco já desde o início da sua conversão quando ele beijou o leproso. Ele fez um esforço contra seu instinto imediato de repugnância e amargura e conseguiu abraçá-lo e beijá-lo. E o instinto de tal repugnância, ele considera, como fruto do seu estado do pecado (Testamento).

Seu amor fraterno, aos poucos, foi se estendendo para todas as criaturas a partir daquela experiência, dele e dos seus frades, entre os leprosos. “O amor suaviza tudo e faz tudo que é amargo ficar doce”²

Qual o meu relacionamento para com o outro? Será que ainda tenho alguém que é um “leproso” na minha vida e que ao encontrar-me com ele (ela) me deixa o sentimento de amargura, de nojo e de repugnância? Será que tenho ainda alguém a qual tenho dificuldade de dar um sorriso, apertar a sua mão?

¹ RNB 7.

² 2Celano 14.

2. O leigo franciscano chega a maturidade quando, sabe viver com o que tem e sabe tratar os bens da terra como bens de todos e por isso sabe partilhar com o próximo, sem ter a pretensão de possuir tudo para si:

Aqui lembramos o magnífico episódio que Francisco e os primeiros frades fizeram quando apenas tornando de Roma, em Rivotorto:

“Havia ali uma cabana abandonada, onde viveram aqueles homens, que não faziam questão de casas grandes e bonitas, e lá se defendiam da chuva. ... sua casa era tão apertada que mal podiam sentar-se ou descansar. Mas não se ouviam queixas ou murmurações: calmos e alegres, mantinham a paciência... Num dia apareceu um homem conduzindo um jumento, na porta da cabana... Temendo ser rejeitado, instigava o animal a entrar dizendo: “Entra, que vamos melhorar este lugar”. Ouvindo isso, São Francisco saiu imediatamente dali, abandonado a cabana... Não queria ter propriedade nenhuma, para poder possuir tudo no Senhor em maior plenitude”³. E dizia na Regra: “Todo aquele que for a eles, amigo ou adversário, gatuno ou ladrão, seja recebido benignamente”⁴.

Será que, como Jufrista, sei partilhar pequenas coisas para com os outros? Se um dia devo abandonar um cargo, uma posição, um trabalho e até um dinheiro para o bem do outro e para o bem comum, serei feliz e tranquilo? Quais são as minhas atitudes no dia a dia?

3. O leigo franciscano maduro é aquele que sabe lutar e trabalhar e se não souber trabalhar, aprender a trabalhar para sobreviver. Francisco recomendava de trabalhar e exercer a profissão *honestamente* e de ter as ferramentas e os instrumentos oportunos para seus trabalhos. Falando do trabalho, Francisco dizia com frequência do *porque* e do *como* trabalhar: o *primeiro*: para não cair na ociosidade, inimigo da alma e, o *segundo*: trabalhar, mas sem perder o espírito da oração e devoção, “alegres e convenientemente graciosas”⁵.

Será que eu, como Jufrista, gosto de trabalhar ou me deixo invadir pela preguiça? A pessoa madura sabe enfrentar os desafios na vida. Para adquirir as ferramentas e os instrumentos do trabalho precisamos fadigar, lutar e não basta simplesmente esperar de chegar do alto e pela boa vontade dos outros inclusive dos pais. Qual a minha posição? No trabalho, na fadiga e no cansaço, eu, como Jufrista, consigo manter o espírito de oração e devoção? Faço as coisas pensando no bem e no bem comum e no bem de todos ou trabalho simplesmente pensando no que vou ganhar? Será que sou diferente dos outros nas atitudes e nos comportamentos, em forma que outros vendo a mim, possam dizer: ele é diferente porque é franciscano! ?

4. O leigo franciscano maduro é aquele sabe descobrir a vontade de Deus através derrotas, sofrimentos, escuta da Palavra e no beijo do leproso: Diante da escuta da Palavra Francisco dizia: “é isto que eu quero, isto que eu procuro, é isto que

³1Celano 42-22

⁴RNB 7.

⁵RNB 7.

eu desejo fazer com todo o meu coração”⁶. Quando não sabia decidir o que deveria fazer, tinha dos jeitos tão simples diante de Deus, como de uma criança com sua Mãe: É estupendo o episódio quando São Francisco fez andar à roda muitas vezes a Frei Masseo para decidir qual caminho seguir para a missão:

“Certa vez Francisco e Frei Masseo... chegando a uma encruzilhada, por cujos caminhos se podia ir a Florença, a Siena, e a Arezzo, disse Frei Masseo: "Pai, que caminho devemos tomar?" Respondeu S. Francisco: "Aquele que Deus quiser". Disse Frei Masseo: "E como poderemos conhecer a vontade de Deus?" Respondeu S. Francisco: "Pelo sinal que te vou mostrar; assim ordeno a ti, pelo merecimento da santa obediência, que nesta encruzilhada, no ponto onde tens o pé, rodes em torno de ti, como fazem as crianças, e não pares de girar sem to dizer". Então Frei Masseo começou a girar em roda, e tanto rodou que, pela vertigem da cabeça a qual se gera por tais voltas, caiu muitas vezes no chão. Mas, não dizendo S. Francisco que parasse e ele querendo fielmente obedecer, recomeçava. Por fim, quando girava fortemente, disse S. Francisco: "Pára aí e não te movas". E ele estacou e S. Francisco lhe perguntou: "Voltado para onde tens o rosto?" Respondeu Frei Masseo: "Para Siena". Disse S. Francisco: "Este é o caminho que Deus quer que sigamos”⁷.

Nas minhas decisões de vida, acorro à Palavra de Deus para saber o que Deus quer de mim ou ajo segundo o que outros pensam ou podem pensar de mim? As derrotas, falências e insucessos são motivos de desânimo e desesperação ou sei ler a mão de Deus em tudo e são indicações para eu amadurecer retomar outro rumo na vida com maior coragem e ânimo?

5. O leigo franciscano maduro é aquele que sabe ver, contemplar e cantar a beleza e harmonia em tudo: na natureza, nos acontecimentos do dia a dia e até no mal fabricado pelos homens. Francisco, estigmatizado, desentendido e marginalizado por um bom número dos seus confrades, quase cego, não enxergando mais a luz do sol, soube cantar e louvar a Deus para o irmão sol que aqueça e ilumina o mundo, para a irmã água que é mui útil e humilde, preciosa e casta, pelos que perdoam por amor a Deus e sustentam enfermidades e tribulações, pelos que sustentam a paz e assim para chegar a louvar até a Irmã morte corporal!⁸

“Há muitos que amam a beleza, mas a beleza não está nas coisas exteriores, que são apenas sua imagem; a verdadeira beleza encontra-se na beleza da sabedoria. Referindo-se com isto à sabedoria de Deus; mas “a forma da sabedoria è maravilhosa e ninguém a contempla sem admiração e êxtase”⁹.

Qual meu olhar, como Jufrista, a respeito do mundo e tudo o que tenho ao meu redor? Diante das contrariedades e desentendimentos na família, no trabalho, no ambiente escolar, na rua... qual a minha resposta? Sei contemplar o belo e o bom que existe, talvez bem sutilmente, atrás das aparências? Sei louvar a Deus e contemplar a beleza e a utilidade, enquanto aproveito das coisas da natureza: o sol e a lua, o vento e

⁶ 1Celano 22.

⁷ Fioretti 11; Atos 11.

⁸ Cântico do Irmão Sol

⁹ Manual de Teologia Franciscana, Ed. Vozes, Petrópolis, 2005. Pg. 471

a água, o fogo e a mãe terra? Sei cantar a Deus quando vejo as pessoas perdoam entre si e dão credibilidade de novo?

6. O leigo franciscano, na sua vida laical, é maduro quando é disposto à conversão contínua, não pretendendo de ter chegado à perfeição, mas deixando ser questionado e transformado os seus conceitos e princípios. Pois, **a moral é “uma ética do itinerário, é um itinerário da mente a Deus, ao bem, ao sumo bem, a plenitude do bem**: é o fim ao qual tende a nossa vontade informada pela caridade, que é absolutamente necessária para que a ação possa ser boa e meritória¹⁰.

Segundo são Boaventura, a tentação da pessoa humana consiste em sentir-se segura de si mesma como se ela já fosse o que deveria ser. Aí radica o tom trágico que colore a existência humana, porque nem sempre se opta pela autenticidade, pelo ser, mas pela aparência, pelo utilitário, pelo não-ser. Este homem não se encontra em pacífica posse de si mesma nem em equilibrada harmonia com as circunstâncias, mas se sente inquieto e ao mesmo tempo inquietante.¹¹ A via de saída é o itinerário da mente para Deus, o sumo bem. Este supremo “encerra em si toda virtuosidade, toda exemplaridade e toda comunicabilidade”¹².

Eu, como Jufrista, sou pronto a fazer o itinerário da mente para o bem? Será que me considero como pessoa perfeita que já sabe tudo e não precisa ninguém corrigir ou chamar a minha atenção?

7. Em fim, o laicato maduro é aquele que vive no dia a dia a via afetiva e, por conseguinte, **à experiência** e não a pura especulação teológica ou filosófica. Francisco, soube situar tudo no plano amoroso da Encarnação e da Redenção, obra suprema da caridade e da misericórdia divina. A ética franciscana é uma ética da compaixão, isto é, o acompanhamento silencioso e contemplativo do próximo, do ser humano como filho de Deus. O outro é digno de compaixão, quando sua dignidade se encontra ferida e então a compaixão não é uma obrigação, mas um dever que devolve à pessoa seu estatuto ontológico de filiação divina. Por isso até a experiência da morte vê e contempla como a “irmã morte” que garante vida terna, o amor eterno do Pai, e sabe cantar diante do mistério da morte com Francisco “a morte segunda não lhes fará mal”.

Eu, como Jufrista, sou capaz de me deixar modelar e da minha vida afetiva? Qual meu olhar para com o próximo? A compaixão é meu dever, além de ser minha obrigação, como franciscano; é minha marca da identidade!

Qual a minha atitude diante do mistério da morte? Experimentei algum momento da perda na minha vida? Como o vivi? Agora, como Jufrista, seguindo o Pai Francisco, já consigo ver a morte com outro olhar? Ela é minha “irmã”? Sei cantar no coração “Louvado sejas meu Senhor” ainda que não entenda o mistério da irmã morte, ainda que predomina o choro, a lagrima e a desesperação no meu peito?

¹⁰ Itinerário da mente, SÃO BOAVENTURA III Sent. Fund 3

¹¹ Manual de Teologia Franciscana, Ed. Vozes, Petrópolis, 2005. Pg. 422

¹² Itinerário da mente, São BOAVENTURA III Sent. Fund 3.